

Início

## NOVAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LINK MENTE-CÉREBRO

G.S. Sarti

Dedicado aos professores Mário Amaral Machado e Valter da Rosa Borges

Acabamos de escrever o livro “Globalização da Mente”, em parceria com meu amigo de FURNAS, Douglas Fernandes.

O livro é de administração de empresas mas parte de estudos e conceitos sobre o cérebro animal. O Douglas é um gênio, i.e., com elevadíssimo quociente intelectual em qualquer escala ou psicométrica (fator G). Entretanto, ele não possuía quase nenhum conhecimento de neurociência e os meus poucos foram obtidos do que se especulava sobre o sistema nervoso nas décadas 60-70.

Com a sensibilidade característica das pessoas dotadas de rara inteligência, ele pôde perceber imediatamente que o que eu sabia sobre o assunto deveria estar desatualizado. Em consequência, investiu muito, intelectual e materialmente, na chamada era do cérebro, que é a última década do século XX, com resultados aparecendo na bibliografia no início do século XXI.

Então houve uma ampla troca de informações e de posicionamentos filosóficos que nos foi extremamente profícua. Em outros termos, nós cobrimos praticamente tudo que se sabe atualmente sobre o cérebro, a partir de Hipócrates e de sua classificação humoral das personalidades e das emoções. Porém, como não podia deixar de ser, esbarramos num problema aparentemente insolúvel, tanto pela neurologia quanto pela psicologia: a relação mente-cérebro. O resultado foi que tivemos que nos apropriar de alguns elementos oriundos da Parapsicologia.

Embora os neurologistas cheguem a cogitar, atualmente, da consciência e do que ela seria eles, devido à sua própria formação científica, não conseguem de jeito nenhum livrar-se da tendência em considerar a consciência um epifenômeno dos processos neurais. Como exemplo, cito a neuroteologia, uma ramificação que procura explicar a experiência numinosa ou seja, a crença vivenciada em uma divindade reguladora da atividade humana e individual. A neuroteologia descobriu com tomógrafo de última geração que essa experiência culminante, mística ou religiosa, é acompanhada ou produzida por uma alteração cerebral específica e localizada em certa região do encéfalo. Quer dizer, Deus estaria reduzido a um fenômeno eletro-químico associado à neurotransmissão. Em outras palavras, Deus não precisaria realmente existir para que pudessemos ter a experiência divina: ele seria objeto de uma determinada configuração cerebral, talvez aleatória ou mesmo provocada por ingestão de drogas. Mas, não pensem os leitores deste anuário que tal abordagem é exclusiva dos neurocientistas. Os psicólogos de formação psicanalítica reduzem a experiência divina ao “gozo místico”, jargão que encerra a idéia de que uma patologia psicológica, de natureza histórico-conversiva, é a responsável pela nossa possível fé em Deus. Ficaria assim Deus resumido a ser consequência de um problema psicosssexual.

Bem, tal querela específica não me interessa e sinceramente sinto-me incapaz de

abordá-la. Estou apenas citando a questão de Deus na neurologia e na psicologia como um exemplo candente análogo ao da consciência, agora já no âmbito da parapsicologia. Transcrevo, literalmente, Paul Amos Moody, antropólogo e zoólogo, professor da Universidade de Vermont, USA:

### “O CÉREBRO HUMANO”

Devido à posição superior concedida à mente humana e à estreita associação entre a mente e o funcionamento do cérebro, enfatizaremos o desenvolvimento desse órgão em nosso estudo da evolução do homem. O desenvolvimento do cérebro oferece algumas pistas para o da mente. É digno de nota, quanto a esse aspecto, que a notável conquista da evolução humana tenha sido o desenvolvimento do cérebro. Vimos que as aves se especializaram em desenvolver as asas, os cavalos, em desenvolver as pernas para poder correr, e os elefantes, em desenvolver as presas, a tromba e os molares gigantes. O homem se especializou em desenvolver o cérebro. Assim, as características originais de sua evolução estão extremamente relacionadas com a desse órgão que, a seguir, ocupará o centro do palco.

Antes de prosseguirmos, é necessária uma palavra relativa à omissão que pode perturbar alguns leitores. Concedemos superioridade à mente, mas não dissemos nada sobre a alma humana. A razão dessa omissão está no fato de que esta situa-se fora do campo científico. A Ciência lida com fenômenos que podem ser detectados, estudados e medidos pelo uso de instrumentos. A alma não está sujeita a essa abordagem. Não pode ser vista, pesada ou analisada quimicamente; nem pode ser estudada pelos métodos psicológicos. Desse modo, uma discussão da alma estaria fora de lugar em um livro científico. Tal afirmativa nem sempre será verdadeira mas, por enquanto, devemos recorrer à Religião e à Filosofia para o conhecimento da alma”.

Consultada a respeito do tema, a socióloga Eliana Fernandes, esposa do Douglas, que faz graduação em Teologia no Centro Loyola na PUC do Rio de Janeiro, embora tenha achado importante que o avanço tecnológico possa vir a esclarecer algo sobre o além da matéria para as populações em geral, ponto de vista sociológico, também não quis emitir uma opinião do ponto de vista teológico.

Já o professor Carlos Alberto Tinoco, engenheiro e pedagogo da Faculdade Espírita do Paraná, que desenvolveu o conhecido Modelo Organizador Biológico, foi bem claro ao me afirmar: - “A consciência é não-local”.

Aqui já temos algo de concreto. Eu direi entretanto “O cérebro é local (segue o princípio das causas locais)”. Então têm-se dois domínios de naturezas diferentes que se influenciam mutuamente. A esta influência eu chamei “link”. O neurologista inglês Huglins Jackson, pioneiro no estudo das epilepsias, criou a expressão “paralelismo psicofísico” para sintetizar essa suposta concomitância dependente. Por isso ele foi alvo de breve crítica de Freud, que pode ser lida na tradução brasileira “Metapsicologia”, da editora Imago.

Já o filósofo brasileiro Estêvão Cruz, em seu “Compêndio de Filosofia”, admite que o fato psicológico antecede o fato físico ou neuronal.

Se nós imaginamos o link como uma função lógica, matemática (provavelmente não bi-unívoca) algo talvez pudesse ser desenvolvido em termos topológicos. Nesse

sentido, eu solicito ao eminente parapsicólogo Ronaldo Dantas Lins, pesquisador do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas – IPPP, que com tanta gentileza tem aceitado, aprofundado e divulgado várias das minhas idéias, inclusive esta do link, que dê uma atenção especial ao que foi colocado logo acima.

Através de caminhos diversos, eu e o cientista Horta Santos concluímos que “o link é psicocinético”.

O campo da consciência ele cunhou de “Domínio Informacional” porque não há dúvida de que a consciência está preenchida de pensamento e este é construído com informação.

A não-localidade, para horror de Einstein, está experimentalmente comprovada no mundo das partículas e, com o aparato físico-matemático de hoje, isso exige que o universo seja materialmente uno. Uma partícula na Terra é inseparável de uma partícula em Júpiter. Tudo está relacionado. Se pensarmos dinamicamente, a não-localidade vai implicar na existência de sinais mais velozes do que a luz. É a ação à distância. Beauregard, em “Quantum Physics and Parapsychology” sugere como alternativa que, ao invés de mais rápido que a luz, o sinal viaje primeiro para o passado, recolhendo informação das condições iniciais do sistema formado quando as duas partículas (a de Júpiter e a da Terra) estavam interagindo (formação do sistema solar) e depois para o futuro, quando não mais interagem, informando a uma delas que ela deverá comportar-se desta ou daquela forma pois seu par está em outro estado. Nós podemos dizer que esta é a “hipótese do ziguezague”.

Qualquer que seja a especulação dinâmica adotada, haverá sempre uma violação do princípio de causa e efeito, daí o “horror de Einstein”. Houve, aparentemente, um movimento sem causa da partícula jupiteriana. E, como ela efetivamente se moveu mas não interagiu com a partícula terrestre a solução é que seu movimento foi provocado por uma informação e provavelmente mais rápida que a luz. Claro que esta situação é experimental porque na verdade há bilhões de partículas em Júpiter que estão efetivamente interagindo e que mascaram a influência da informação proveniente da partícula terrestre. Então para corpos macroscópicos, os links das informações com as partículas não aparecem mas existem efetivamente e talvez possam até ser percebidos com um certo grau de probabilidade.

Repetindo o já dito, o campo da consciência, sendo um domínio informacional, estabelece link com o sistema nervoso composto por bilhões de neurônios. Da mesma forma que em Júpiter, o link não é perceptível mas está ocorrendo.

Parece assim justificável dizer-se que a relação mente-cérebro dá-se por um “link psicocinético” em que uma certa configuração mecânica de partículas no neurônio pode secundariamente deflagrar o potencial de ação nele.

Maiores considerações sobre o link mente-cérebro estão contidas nos livros “Curas por Meios Paranormais”, do Ronaldo Dantas Lins e “O Tempo e a Mente”, do Horta Santos. Irei, no entanto, tecer uma consideração adicional sobre o assunto link. Nós continuamos sem saber o que ele é mas agora parece que sabemos o que ele não é: uma interação física. Além do mais parece ser, com uma boa chance, um fenômeno quântico ainda que de difícil abordagem.

Passando ao domínio informacional, acho bastante razoável que a informação processada na consciência seja toda ela semântica. Isso significa que é conceitual e imaterial e não mediadora física como uma onda sonora ou eletromagnética ou ainda

uma reação química. Essa seria a informação que se chama (Moles, A) de sintática, passível de ser medida em bits, e entrópica. Essa informação semântica, capaz de efetuar quanticamente um link psicocinético com sistemas materiais parece ser também muito apropriada para nossos estudos e pesquisas sobre os fenômenos PSI-GAMA.

Foi baseado tanto na experiência PSI-KAPA quanto nas PSI-GAMA que procurei desenvolver uma teoria (PSICONS), constante do livro de mesmo nome. Os psicons seriam as partículas-ondas que poderiam descrever o domínio informacional semântico. Por coincidência ou não com os experimentos quânticos já descritos, os psicons são mais velozes que a luz e não possuem propriedades materiais, formando vácuo, embora possam transformar-se em verdadeiras partículas materiais. Tem-se assim uma teoria matemática compatível com o campo da consciência e com os fenômenos PSI.